

INTERDISCURSIVIDADE E CONFLITO ENTRE DISCURSOS SOBRE RAÇA EM REPORTAGENS BRASILEIRAS*

Célia Magalhães**

Resumo: Neste artigo, parto de debates sobre a questão racial nas teorias sociais brasileiras para analisar um corpus contemporâneo de reportagens de um jornal brasileiro. Meu objetivo é a investigação da mudança nos discursos mediados sobre raça. Com base em uma combinação de ferramentas teóricas e metodológicas da análise crítica do discurso e da lingüística de corpus, focalizo palavras chave usadas no jornal para se referir à cor da pele, as relações lexicais criadas em torno dessas palavras, e sua associação com a intertextualidade. A análise combinada das relações lexicais e da intertextualidade permite perceber uma tensão entre termos relativos à cor da pele e à origem cultural e um conflito entre discursos originados de distintas classificações de raça. A análise também permite uma interpretação cautelosa da dialogicidade e, portanto, das diferentes orientações para a diferença racial nas reportagens.

Palavras-chave: raça; léxico; intertextualidade; dialogicidade; interdiscursividade.

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que há uma imagem do Brasil, construída e divulgada dentro e fora do país, como paraíso racial onde não há preconceito nem discriminação racial. Desde os anos setenta, entretanto, as pesquisas acadêmicas e as ações políticas do Movimento Negro têm contestado essa ideologia dominante. Especialmente depois da participação do Brasil na *Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância* em Durban, em julho de 2001, parece estar acontecendo uma mudança discursiva na sociedade brasileira. Tal mudança parece estar associada, dentre outras, às políticas adotadas pelo governo com relação ao currículo do ensino secundário, com a inclusão do ensino da história e cultura africanas, e o estabelecimento de cotas para brasileiros descendentes de africanos nas universidades. Um aspecto crucial dessa mudança é, contudo, a luta entre diferentes discursos sobre raça, representada de forma mais explícita nos jornais que, por sua natureza de linguagem mediada, constituem-se em arenas de conflitos discursivos.

* A pesquisa que deu origem a este artigo se realizou com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A autora agradece os comentários de Norman Fairclough, Greg Myers e Adriana Pagano à versão em inglês deste texto.

** Professora de análise de discurso e tradução da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Lingüística.

Neste trabalho, parto de teorias sociais sobre raça para analisar um corpus contemporâneo de reportagens da Folha de São Paulo. Argumento que as relações lexicais em construção nestas reportagens, em torno de termos chave sobre raça e cor, associadas à intertextualidade, apontam para discursos distintos sobre classificação racial que lutam, seja por sua permanência, seja por seu estabelecimento como nova ordem discursiva. Para atingir meu propósito, focalizo palavras que se referem à cor da pele, como *negra(s)*, *negro(s)*, *preto(s)* e *pardo(s)*, tentando responder às seguintes perguntas: que relações semânticas são criadas em torno desses termos? Essas relações podem ser associadas à intertextualidade? Até que ponto a associação das relações lexicais com a intertextualidade sinaliza para a interdiscursividade e para orientações do jornal em relação à questão racial? Ao responder essas perguntas, argumento que há discursos distintos sobre raça em jogo e, simultaneamente, uma reprodução do discurso do “racismo cordial” e um desafio a este discurso no jornal. Também sugiro que se constrói uma associação entre as questões de raça e de classe nas reportagens, o que pode indicar que esses dois aspectos estão imbricados na identidade brasileira, em função da opressão econômica sistemática das populações brasileiras de origem africana no país.

2 TEORIAS SOCIAIS BRASILEIRAS CONTEMPORÂNEAS SOBRE RAÇA

Meu objetivo nesta seção é examinar as teorias contemporâneas sobre os desenvolvimentos da questão racial no Brasil nos últimos trinta anos. Pode-se entender a representação do Brasil como o país da democracia racial (ver FREYRE, 1966 para a concepção de democracia racial) como resultado de um ideal de não segregação de brancos e negros depois da abolição da escravidão, diferentemente do que aconteceu, por exemplo, nos Estados Unidos. Guimarães (2003) explica que a representação mítica de uma sociedade brasileira sem preconceito ou discriminação tem origem na idéia, muito difundida nos Estados Unidos e Europa, de que o Brasil não tem uma linha de cor e, portanto, as “pessoas de cor” teriam as mesmas oportunidades que as brancas em relação a questões de trabalho, saúde e prestígio.

Schwarcz (2000) se refere ao tipo de relação racial construída no país sob o mito da não segregação e não discriminação como “racismo cordial”, ou seja, uma modalidade de relação racial em que o preconceito seria proibido e, caso existisse, deveria ser reprimido. Schwarcz sugere, ainda, que a base da identidade brasileira

deveria ser a raça, argumentando que a questão racial não pode ser totalmente compreendida enquanto estiver limitada à questão de classe ou mesmo oculta nesta questão.

Piza (2003a) focaliza estudos mais reveladores da discriminação racial e da exclusão dos negros dos projetos brasileiros de progresso social e econômico nos anos setenta, quando comparações dos níveis escolares, de emprego e de salários dos diferentes grupos raciais começaram a ser feitas com base em dados estatísticos. Guimarães (2003) acrescenta que é também depois dos anos setenta que os movimentos negros brasileiros passam a fazer uma campanha mais aberta contra o racismo e as desigualdades para que estas questões pudessem ser reconhecidas dentro e fora do país. Seguindo a publicação da primeira lei que baniu a discriminação racial em 1950, continua Guimarães, a Constituição de 1988 determinou que esta prática era crime e muitas outras medidas foram tomadas em relação à questão.

Outros estudos recentes na área sugerem que a ideologia dominante da democracia racial no Brasil levou a uma aparente invisibilidade da questão racial num contexto discursivo mais amplo. Uma das estratégias para atingir esta invisibilidade era a representação dos grupos raciais através do uso de uma ampla gama classificatória de cor. Nascimento (2003) descreve esta representação como aquela que leva em conta critérios de natureza puramente estética, sendo a cor um signo da celebração da mistura de raças, em que a noção de origem étnica ou racial não teria um papel e, portanto, não estimularia o racismo e a discriminação. Nascimento denomina esta forma de desracialização ideológico-discursiva de “sortilégio da cor”. Eu proponho nomeá-la, seguindo Fairclough (2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999), “esteticização” (“*aestheticization*”) das identidades raciais no sentido de que esta forma discursiva, de classificação racial através de uma gama variada de cores, nos leva, de modo mais ou menos consciente, do campo da origem étnica ou cultural para o campo da cor da pele, com o propósito de criar uma imagem particular dessas identidades.

Sobre a questão da classificação de cor – classificação no sentido de Bourdieu, conforme interpretação de Fairclough (2003, p. 213) como “[...] modos pré-construídos e tomados como únicos de divisão de partes do mundo [que] geram continuamente ‘visões’ do mundo, modos de vê-lo e de agir sobre ele” –, Carone (2003) afirma que os descendentes de africanos no Brasil usam uma gama detalhada de cores para se identificarem. A autora observa, entretanto, que esses grupos raciais

parecem não endossar a classificação de cor usada pelo IBGE desde 1940 (brancos, pretos, pardos e amarelos) (ver PIZA, 2003b). A gama de nuances de cores diferentes, mais claras ou escuras, compiladas nestes estudos recentes sugerem um desejo, apontado por Sodré (2000), de passar por “miscigenado” devido ao discurso naturalizado de acordo com o qual quanto mais a pessoa se aproxima de uma nuance mais clara da cor negra mais ela está próxima da cor branca e, conseqüentemente, da condição humana.

Deve-se notar aqui que os movimento negros passaram a usar a palavra *negro*, em vez de *preto*, para se identificar, a partir dos anos sessenta, com o objetivo de incluir negros e pardos num mesmo grupo de descendentes de africanos e de forma a que o grupo assim formado pudesse ser identificado através de sua origem cultural e ser reportado como grupo minoritário (PIZA, 2003b). Os integrantes do movimento, no meu entender, tentaram, assim, reconstruir a identidade negra desafiando a classificação existente. Entretanto, possivelmente devido ao “habitus” (ver CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999 e LEMKE, 1995, para uma leitura do conceito de Bourdieu), acabaram escolhendo outro termo que remete à cor da pele. É, também, possivelmente devido ao “habitus”, nesse caso, uma disposição incorporada para a classificação através da cor da pele, que a palavra *negro*, fora do âmbito dos movimentos negros, ainda é destituída deste significado reconstruído e pode ser usada como insulto quase com a mesma frequência que a palavra *preto*, como mostra Guimarães (2003). Para Guimarães, o termo *negro* é uma síntese verbal ou cromática de estigmas relativos à identidade racial e a própria cor adquire uma função estigmatizadora, conforme sugerem seus sentidos negativos nos dicionários da língua.

Carone e Nogueira (2003) sugerem que a raça é representada nos jornais brasileiros como uma questão de natureza explosiva, como um problema atribuído aos próprios negros e, na maioria das vezes, como objeto de conflitos externos e não internos, o que reforça o discurso da democracia racial. Sodré (2000) também dedica parte de sua pesquisa a uma investigação da representação racial na imprensa. Ele acrescenta à discussão os termos *claros* e *escuras* ao esquema multifacetado de cores usado, de modo geral, na sociedade brasileira, e a noção de que quanto mais clara for a pele, mais alto pode-se chegar numa hierarquia de poder.

Uma questão central no debate apresentado até aqui, portanto, é a “esteticização” da identidade racial, ou seja, é a tentativa de se classificarem os grupos raciais pela cor, representação da beleza e harmonia da mistura racial

brasileira, em detrimento de uma classificação desses grupos por sua origem cultural. No entanto, esta “esteticização” parece estar sendo contestada por teóricos contemporâneos que a interpretam como base da ideologia da democracia racial. Tentarei mostrar, através de uma análise sistemática de discursos em reportagens contemporâneas, que o discurso de classificação de cor se apresenta como dominante, mas é, simultaneamente, desafiado quando dialoga com outros esquemas classificatórios, especialmente depois que os jornais começam a se apropriar dos discursos das leis que introduziram o estudo da história e cultura africana no ensino fundamental e as cotas raciais nas universidades e a articulá-los com o esquema classificatório de cor. Argumento, então, que uma análise abrangente da questão é facilitada por uma combinação de análise textual e pesquisa social, conforme proposta pela análise crítica do discurso (ACD).

3 POR QUE A ACD E QUAL VERTENTE DA TEORIA?

Para a sugestão de que a ACD tem respostas para as questões levantadas pelos teóricos sociais brasileiros, remeto as leitoras¹ para os princípios básicos da teoria conforme expostos por Reisigl e Wodak (2002). Argumento, ainda, pela escolha da vertente de ACD associada com Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2001, 2003) como suporte teórico para o estudo da tensão no uso de termos para relatar a questão racial no jornal analisado. Para tanto, destaco dentre as diferentes vertentes de ACD aquelas que se preocupam com questões raciais para justificar minha escolha.

Van Dijk (1998, 2003, entre outros) apresenta um quadro multidisciplinar que privilegia uma abordagem sócio-cognitiva do racismo. Wodak (REISIGL e WODAK, 2001; WODAK, 2001) propõe uma abordagem cuja base é um conceito complexo de crítica social envolvendo três aspectos interligados principais, os dois primeiros associados com a dimensão da cognição, e o último relacionado com a dimensão da ação. As duas versões oferecem ferramentas poderosas para a análise de discursos racistas e têm contribuído muito para a pesquisa na área. Entretanto, não as adotarei por uma razão teórica principal. Como estou interessada em desvelar o conflito entre os discursos sobre raça no jornal, o referencial teórico de Chouliaraki e Fairclough (1999) e de Fairclough (2001, 2003) mostra-se mais adequado, porque

¹ Uso “leitoras” como parte de uma agenda política de inclusão explícita das mulheres nas práticas discursivas.

facilita o foco no hibridismo interdiscursivo – o entrecruzamento de diferentes vozes e discursos nas reportagens – por seu diálogo com as teorias de Bakhtin e Foucault. Além disso, esta vertente teórica tem uma relação interdisciplinar com as teorias sociais e a lingüística sistêmico-funcional (LSF), cujas categorias atendem aos meus propósitos de análise.

4 CORPUS E METODOLOGIA

A *Folha de São Paulo* (doravante *Folha*) tem sido analisada como jornal que, simultaneamente, reproduz e constrói uma visão mais liberal sobre as questões que divulga, embora não leve em consideração a diversidade étnica de suas leitoras para a escolha das reportagens a serem feitas. Apesar disso, publicou um suplemento sobre o racismo cordial e o preconceito de cor em 1995 (*Folha de São Paulo/DataFolha*, 1995); também tem assumido posições anti-racistas conforme demonstra d'Adesky (2001), dentre outros.

O corpus foi coletado da versão online do jornal de janeiro a julho de 2003, através de pesquisa encomendada ao setor responsável do jornal. As palavras chave *raça*, *racismo* e *racista* foram usadas na busca de textos para compor o corpus. Tomo, aqui, “palavras chave” no sentido de Williams (1988, p. 15), ou seja, “[...] em dois sentidos relacionados: são palavras significativas, que ligam certas atividades à sua interpretação; são palavras significativas e indicativas de certas formas de pensamento”. Preferi não usar a noção de “palavras-chave” que serviu de base para a ferramenta *Keywords* do programa *WordSmith Tools* que uso nesta pesquisa, isto é, palavras que se destacam por sua frequência num corpus, em comparação com outro corpus maior, de referência. Não quis analisar palavras com base no destaque que pudessem ter no corpus; ao invés disso, estava interessada no fato de que as palavras poderiam me levar a discursos distintos, ou a formas distintas de pensamento sobre a questão racial no jornal. Também queria investigar os textos com o objetivo de verificar a evidência, bem como o desafio ou contestação, das diferentes “divisões” ou classificações, de raça. O corpus assim compilado contém 73 textos (com 25.417 palavras) publicados em seções ou suplementos diferentes do jornal. O quadro 1 mostra essas seções diferentes, o número de textos de cada seção, classificados de acordo com os gêneros discursivos a que se vinculam e o tema de tais textos como local, nacional ou internacional.

Seções	(Nº de textos e) Gêneros Discursivos	Origem dos fatos tratados nos textos
Cotidiano	22 reportagens	Local
Folhinha	12 reportagens	Local
Mundo	10 reportagens 2 entrevistas	Internacional (9), Nacional (1) Internacional (1), Nacional (1)
Brasil	10 reportagens	Nacional
Esporte	8 reportagens	Internacional
Opinião	2 editoriais	Nacional
TVFolha	1 reportagem, 1 entrevista	Local
Ciência	1 reportagem	Nacional
Cademo Mais	1 resenha 1 ensaio	Nacional
Entretenimento	1 reportagem	Internacional
Turismo	1 reportagem	Internacional

Quadro 1 – O corpus da *Folha* online – Janeiro a Julho de 2003.

Por razões metodológicas, tomei como “reportagens”² os textos cujos traços mais proeminentes pudessem ser associados aos traços do gênero discursivo reportagem, por exemplo, o foco em um evento público recente de acordo com o valor de notícia, e a estrutura genérica básica – título, lead, corpo do texto – (ver BELL, 1991; FAIRCLOUGH, 1995; SCOLLON, 1998, dentre outros, para análises abrangentes de reportagens e discurso midiático). Ressalto que as reportagens, compiladas a partir das palavras chaves *raça*, *racismo* e *racista* e que estas palavras, de fato, eram parte da notícia ali reportadas, ou seja, a questão racial. O quadro 1 mostra que a Folha publicou um total de 47 reportagens sobre a questão racial brasileira em contexto local (34), em contexto nacional (12) e em contexto internacional (1), além de 2 entrevistas, 2 editoriais e 1 ensaio. O quadro mostra, assim, que a questão racial é reportada mais como questão interna do que externa, que ocorre alhures.

Analiso, primeiramente, todo o corpus, sem distinção de gênero discursivo, focalizando os termos de cor para investigar as relações lexicais nele construídas. Em segundo lugar, examino a intertextualidade e a interdiscursividade (ver FAIRCLOUGH, 1992, 2003; ver também LEMKE, 1995) nas 47 reportagens cujo foco é a raça no Brasil, a fim de investigar como os diferentes discursos são articulados. Finalmente analiso a dialogicidade e a diferença no jornal.

² “Reportagem” está sendo tomada aqui como tradução de “news report”. Não farei distinção entre “reportagem” e “notícia”, uma vez que não foi possível, através da literatura disponível, demarcar fronteiras nítidas entre os dois gêneros discursivos.

5 RELAÇÕES LEXICAIS E RAÇA

Com o suporte da lingüística de corpus explorei as relações lexicais como aspecto importante das construções de raça no corpus (ver estudos relacionados como o de KRISHNAMURTHY, 1996 e o de STUBBS, 1996). A principal ferramenta usada foi a linha de concordância (cf. HARD-MAUTNER, 1995) tal como produzida pela função *Concord* do *WordSmith Tools*. Analisei as ocorrências de cada palavra que se referia à cor da pele a fim de investigar se elas tinham “predisposição”³ para algum tipo de uso colocacional no corpus. “Predisposição” é um conceito de Hoey (no prelo) definido por ele como o fato de que “[...] na medida em que se aprende uma palavra através de encontros com ela na fala e na escrita, ela se torna carregada dos efeitos cumulativos desses encontros de tal forma que passa a fazer parte do nosso conhecimento desta palavra o fato de que ela co-ocorre com outras”.

Também comparei estas “predisposições” no corpus com o que apresentam os dicionários do português brasileiro (HOLANDA FERREIRA, 2004, e BORBA, 2002) e o Banco de Português (BP)⁴, corpus com 240 milhões de palavras em 2003. Só foi possível o acesso a uma amostra de cerca de um milhão de palavras do Banco, disponível na rede, de modo que deve ser levado em conta que os resultados das análises se baseiam nessa amostra. As Tabelas 1, 2 e 3, abaixo, mostram o número e porcentagem das ocorrências dos itens lexicais derivados dos lemas *etn-*, *rac-* e *negr-* no corpus das 73 reportagens, com 25.417 palavras:

Tabela 1 – Frequência dos itens derivados de *etn-*:

Itens Lexicais	OCORRÊNCIAS	
	Nº	(%)
Etnia(s)	6	0.02
Étnico(a)(s)	11	0.04
Total	17	0.06

³ Minha tradução para o conceito de Hoey (no prelo), “priming”.

⁴ O acesso ao Banco foi feito através do site <<http://lael.pucsp.br/corpora/bp/conc/index.html>>.

Tabela 2 – Frequência de itens derivados de *rac-*:

Itens Lexicais	OCORRÊNCIAS	
	Nº	(%)
Raça	10	0.04
Racial	29	0.11
Total	39	0.15

Tabela 3 – Frequência de itens derivados de *negr-*:

Itens Lexicais	OCORRÊNCIAS	
	Nº	(%)
Negra	36	0.14
Negras	21	0.08
Negro	38	0.15
Negros	107	0.42
Negritude	1	0.00
Negreiro	1	0.00
Total	204	0.80

Os itens lexicais derivados de *negr-*, ou seja, os itens relacionados à cor da pele, têm ocorrência quase quatro vezes maior do que a soma dos itens derivados dos lemas *etn-* e *rac-*, que fazem parte do campo semântico de origem cultural. A Tabela 4 mostra a predisposição dos itens lexicais do campo semântico “cor da pele”:

Tabela 4 – Predisposição dos itens relativos à cor da pele:

Itens	Adjetivo		Substantivo	
	Nº	(%)	Nº	(%)
Negra	32	88.89	4	11.11
Negras	14	82.35	3	17.65
Não-negras	2	50.00	2	50.00
Negro	27	71.05	11	28.95
Negros	26	24.30	81	75.70

A predisposição dos itens lexicais *negra(s)* parece ser a de ocorrer como adjetivos, modificadores de substantivos em grupos nominais ou atributos de portadores em processos relacionais. O fato de que há poucas ocorrências destas palavras como substantivos parece dar suporte ao estudo de Guimarães (2003), que investiga o seu uso como insulto racial ou, conforme argumento, esse fato sugere que estes itens lexicais, usados como substantivos, parecem incorporar uma referência sutil à escravidão, o que pode também ser depreendido das definições de Holanda Ferreira (2004) – “negra: 1. Mulher de cor preta. 2. Escrava, cativa.” –, do exemplo de Borba (2002) – “Tiana, minha negra, peço a você cinco bules de café.” – e das linhas de concordância do BP, conforme apresentadas abaixo:

17 porque o demônio da **negra** estava então que não valia duas patacas ;mas

18 A **negra** tomou muita afeição à cria. Desvelava por el

Negra ocorre uma vez como atributo do portador, um substantivo abstrato, *pobreza*, além de ocorrer como modificador de substantivos abstratos ou concretos em *pobreza negra*, *beleza negra*, *cidade negra* e *história negra*. O grupo nominal *pobreza negra*, sintaticamente diferente, mas semanticamente semelhante ao grupo nominal *pobreza dos negros* parece criar uma ambigüidade que contribui para um conflito discursivo no jornal, tema de que tratarei na seção seguinte. Além disso, pode-se dizer que o próprio adjetivo e os itens lexicais a ele associados nas frases cria uma prosódia semântica negativa, como é o caso de sua colocação com *violência* no exemplo 1 e *apagar* no exemplo 2, abaixo:

(1) [...] São Paulo é a maior cidade negra do país. Não dá para combater a violência sem desenvolver programas para esse grupo. (Folha, 30/06/03)

(2) No Brasil, documentos que registravam as origens desses povos foram queimados logo após a abolição da escravatura (1888). A idéia era apagar a história negra do país. (Folha, 01/02/03)

A colocação *pobreza negra* sugere, ainda, uma imbricação entre classe e raça devido à associação sintática do sintagma, trazendo à baila uma outra associação, inerente entre os dois conceitos, uma questão à qual voltarei mais à frente, onde darei outros exemplos.

O item lexical *não-negras* é uma adição interessante do corpus ao léxico da língua já que, no meu entender, é uma escolha menos monolítica para *brancas*, em que outros grupos raciais podem se incluir. Entretanto, a base para a classificação ainda é a cor da pele como mostra o exemplo 3, abaixo:

(3) Os grupos foram divididos em 542 negras e 526 não-negras. (Folha, 13/07/03).

A predisposição da palavra *negro* sugere que ela ocorre principalmente como adjetivo, modificadora de substantivo em grupos nominais ou atributo de portador em processo relacional. O item lexical *negros*, por sua vez, ocorre mais frequentemente como substantivo. Além disso, sua ocorrência maior é em sintagmas preposicionados onde os núcleos são proporções, o que indica o tipo de pesquisa quantitativa que o jornal parece privilegiar, além de uma perspectiva mais numérica e menos interpretativa da questão social, como pode ser observado em algumas das linhas de concordância abaixo:

11 existência de 46,8% de **negros** abaixo da linha d
 12 ma proporção maior de **negros** que a verificada n
 13 m geral, a proporção de **negros** cai para 32,1%.
 14 s, onde a incidência de **negros** é menor. Ele exp

Finalmente, também investiguei as palavras *pretos* e *pardos*. As poucas ocorrências destes itens lexicais no BP, a definição de *preto* como “4. Sujo, encardido” e de *pardo* como “2. De um branco sujo, duvidoso”, em Holanda Ferreira (2004), sugerem que sua predisposição é para ocorrer como adjetivos com sentido negativo. As raras ocorrências de *pretos* (2 ocorrências de *pretos* e 1 ocorrência de *preta*) no corpus, cujas linhas de concordância são apresentadas abaixo, sugerem, ademais, que esses itens têm sido substituídos pelas palavras *negros/negra* num contexto mais amplo, provavelmente porque estes últimos se difundiram discursivamente depois que os movimentos negros introduziram seu uso para identificar o grupo racial:

1 tuação à frente da Fala, **Preta!**, ONG dirigida a
 2 A situação de saúde de **pretos** e pardos reflete a
 3 o IBGE classifica como **pretos** e pardos. Depois

Os resultados encontrados para *pardos* (8 ocorrências) também revelam uma tendência ainda mais forte para a supressão deste termo pela mesma razão. Estes itens parecem ser mais freqüentes nas colocações *pretos e pardos* e *brancos e pardos*, associadas à classificação do IBGE, mas *pardos* também faz colocação com *negros* em *negros e pardos*, o que pode gerar conflito, já que, no discurso do movimento negro, o primeiro item, supostamente, inclui o último. Na próxima seção, tento interpretar esses resultados à luz do que Fairclough (2003) define como intertextualidade e interdiscursividade nos gêneros discursivos.

6 INTERTEXTUALIDADE E INTERDISCURSIVIDADE

Fairclough (2003) se baseia em Vološinov (1978) e Bakhtin (1986) para argumentar que a intertextualidade é uma propriedade responsável pela abertura para a diferença nos textos. A visão de intertextualidade de Fairclough é abrangente, pois considera outras formas menos óbvias de introdução de vozes nos textos, tais como as várias formas de discurso indireto ou as várias formas de se atribuir ou não o que é dito, escrito ou resumido às pessoas que disseram ou escreveram algo (ver os conceitos de intertextualidade “manifesta” e “constitutiva” em FAIRCLOUGH, 1992).

Há vários estudos detalhados sobre a intertextualidade, ou as formas que os discursos diferentes são representados nos textos escritos (LEECH e SHORT, 1981; CALDAS-COULTHARD, 1994; FAIRCLOUGH, 1995; THOMPSON, 1996; SCOLLON, 1998, dentre outros). O meu objetivo aqui é, via intertextualidade, analisar a interdiscursividade através da escolha de itens lexicais usados para reportar-se à raça e não dar conta, exaustivamente, da intertextualidade no jornal. Assim, tomei como base, principalmente, três categorias de Leech e Short (1981), ou seja, discurso direto (DD), discurso indireto (DI), e relato narrativo de ato de fala (RNAF – *narrative report of speech act*), com o suporte de Short, Semino e Culpepper (1996) que sugerem que o padrão de apresentação da fala nos jornais britânicos está entre DI e RNAF, possivelmente, devido ao seu modo principal de resumir o que as pessoas dizem e à imagem equilibrada que têm junto ao seu público leitor, embora a apresentação de DD também seja crucial em suas reportagens de notícias.

As linhas de concordância também foram úteis como um primeiro passo para o escrutínio dos DDs e DIs. Como palavras de busca, estabeleci as palavras *que, para, segundo e acordo* (da colocação *de acordo com*), algumas das formas mais freqüentes de apresentação de DI em reportagens. Também estabeleci as aspas

seguidas de asterisco (*) como item de busca para o DD. Entretanto, essas buscas também demandaram expandir substancialmente as linhas e um escrutínio detalhado do co-texto e contexto da busca.

As ocorrências das formas diferentes no contínuo em direção ao DI (LEECH e SHORT, 1981) são em número cerca de duas vezes maior que as ocorrências de formas no contínuo em direção ao DD. Esses dados confirmam um traço do discurso mediado das reportagens, isto é, elas privilegiam o DI (ver BELL, 1991; SHORT, SEMINO e CULPEPPER, 1996; SCOLLON, 1998, dentre outros). Em termos da interdiscursividade, é possível observar que escolhas diferentes de itens lexicais para se referir à raça apontam para o fato de que, ao mediar discursos diferentes, as reportagens reproduzem e/ou ajudam a criar conflitos discursivos sobre a noção de raça.

As reportagens publicadas na *Folhinha*, por exemplo, recontextualizam o texto da lei que determinou que a história e cultura africana fizessem parte dos currículos das escolas fundamental e de ensino médio (para a noção de “recontextualização”, ver FAIRCLOUGH, 2003). A reportagem intitulada *Diversidade na escola* informa no *lead* que foi aprovada a lei que determina que todas as escolas devam introduzir o ensino de *cultura e história afro-brasileiras*, este último termo relativo a uma classificação de origem, cultural. No primeiro parágrafo da reportagem, entretanto, uma pergunta hipotética (ver MYERS, 1999) introduz o termo *negros*, relativo à cor da pele, como mostra o exemplo 4:

(4) Alguns de vocês devem se perguntar: “Mas já não aprendi sobre os negros na escola? (Folha, 01/02/03)

Em outra reportagem da *Folhinha*, intitulada *Falam os professores*, estão representados os discursos de três professores diferentes, através de DD. Reproduzo um deles abaixo, no exemplo 5, para mostrar o conflito entre as classificações de origem e cor e, conseqüentemente, entre diferentes discursos sobre raça, textualizado nas escolhas lexicais:

(5) Meu objetivo é quebrar a noção de que a história africana começa com os européus e com os negros escravizados. (Folha, 01/02/03)

A colocação *história africana* no exemplo 5 parece ter sido apropriada do discurso da lei; já a colocação *negros escravizados* (em lugar de *africanos escravizados*, como se esperaria), usada logo depois da colocação *os européus*

sugere que num contexto discursivo mais amplo no Brasil e, talvez, em outros países, os povos africanos são classificados com base na cor de sua pele e não em sua origem como o são outros povos, por exemplo, os europeus. Numa dialética de apropriação/colonização de discursos (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999), o discurso de classificação de cor – um discurso colonizado pelo campo da estética – simultaneamente, emerge e é desafiado por um discurso baseado em um sistema classificatório de origem o qual, por sua vez, parece ter sido apropriado do texto da lei.

A última reportagem da *Folhinha*, intitulada *Brasil com jeito de África*, é atribuída a uma antropóloga e autora de livro sobre culturas africanas para crianças. Há uma rede de escolhas lexicais nas colocações desta reportagem tais como *povos africanos*, *tradição da África*, *número de africanos*, e outras que introduzem nela o discurso de origem. A única escolha relativa à cor da pele vem ao final do texto onde a antropóloga fala de documentos que nos contam a história dos povos africanos no Brasil. Tal escolha faz parte do exemplo 2, reproduzido aqui como 6:

(6) No Brasil, documentos que registravam as origens desses povos foram queimados logo após a abolição da escravatura (1888). A idéia era apagar a história negra do país. (Folha, 01/02/03)

Outra notícia, agora da seção *Cotidiano*, e associada com a lei, reporta o fato de que uma jovem estudante teve de ser transferida de escola por duas vezes, já que as escolas que freqüentava não estavam preparadas para lidar com o preconceito das crianças, manifesto em insultos raciais. Os exemplos 7 e 8, abaixo, mostram a representação do discurso da estudante em DD:

(7) Falavam que eu tinha cabelo duro, de Bombril. Eu reclamava com os professores, mas eles não faziam nada. Uma professora me disse que eu não tinha que ligar para as brincadeiras porque eu era uma menina linda e que isso [o preconceito] ia acontecer durante toda a minha vida. Mas eu queria é que ela mandasse eles pararem”, conta Ana Luiza. (Folha, 18/05/03)

(8) Ana Luiza dá uma receita contra o preconceito: “Quando fazem isso comigo eu vou lá e falo que racismo é crime e que eu vou processar e reclamar com a diretora”. (Folha, 18/05/03)

Observe no exemplo 7 o conflito entre o que a própria estudante, supostamente, relata (o que introduz outra camada de discurso), isto é, o que ela

parece tomar como insultos raciais que vêm possivelmente de seus colegas, e a interpretação desses insultos pela professora como “brincadeiras” e a palavra adicionada entre colchetes “[preconceito]” – a qual nos deixa a imaginar quem seria o autor da adição – que também pode estar ali para facilitar a interpretação do recurso coesivo “isso”, mas cuja interpretação parece ser facilmente recuperada pela relação anafórica com “brincadeiras”. Observe no exemplo 8 que o jornal introduz a fala da estudante relatando os procedimentos tomados para enfrentar o preconceito com a colocação *dá uma receita*. Tal forma de representar o discurso da estudante pode ser interpretada como “avaliação” ou “posicionamento” (BUTTNY, 1997, 2000) do jornal que, no meu entender, subestima a questão quando enquadra a fala da aluna como instruções de uma receita. Não se deve esquecer, entretanto, da dificuldade de se atribuir a referida colocação a quem quer que seja, dada a natureza do discurso midiático.

O que Buttny sugere em sua análise de relato de falas em discussões sobre raça em “grupos de discussão focalizada” (“*focus groups*”) também pode ser percebido em outra reportagem da mesma seção do jornal, desta vez com uma avaliação ou posicionamento positivo, embora, novamente, difícil de ser atribuído. A reportagem é intitulada *Policiais militares são acusados de racismo contra garoto de 12 anos - PM teria ofendido menino negro em supermercado*. Seu foco é a história de um jovem, menor de idade, cujo nome é apresentado através da inicial K. e que acusa a polícia de racismo não só porque foi injustamente considerado suspeito de tentar roubar o carro de sua própria mãe e, por isso, tratado desrespeitosamente, mas também porque o oficial de polícia o chamou de “King-Kong” (uma alusão à inicial do seu primeiro nome), como mostra o exemplo 9, abaixo. Note que a atribuição do enquadramento “ironicamente” (no DD encaixado) e, conseqüentemente, da avaliação ou posicionamento em relação à fala do motorista, ao jornal ou ao próprio menino não é nada fácil. A tensão criada é devida, simultaneamente, à dificuldade de atribuição do que é dito a um dos participantes do evento e ao desafio a um discurso calcado numa classificação que animaliza o menino (ver GUIMARÃES, 2003, sobre a animalização e o insulto).

(9) Em seguida, o policial teria anotado o nome do menino e levado ao PM motorista da Blazer. Ao ver o nome do menino, o motorista perguntou “quem era King Kong”, ironicamente. O menino registrou que se sentiu ofendido. (Folha, 10/02/03)

A reportagem que analiso em seguida gira em torno da aprovação das cotas para negros nas universidades brasileiras. Trata-se de uma notícia sobre ações na justiça contra a Universidade de Michigan devido ao seu sistema de cotas. Uma professora americana que participou de um debate sobre ações afirmativas no Rio é a personalidade mais citada na reportagem, estando algumas de suas declarações reproduzidas nos exemplos 10 a 12, abaixo:

(10) Lee explicou que, na Universidade de Michigan, alunos negros, hispânicos [...]. (Folha, 05/05/03)

(11) Segundo Lee, a diversidade étnica nos campi das mais concorridas universidades norte-americanas é uma política voluntária. “Não somos obrigados a estipular esses critérios. Acho que as universidades procuram a diversidade [...]”. (Folha, 05/05/03)

(12) *Ela afirma, no entanto, que nenhuma universidade concorrida aceita abrir mão totalmente do critério acadêmico na admissão de estudantes de minorias. “É por isso que estudantes de minorias com bom desempenho nos testes [...]”* (Folha, 05/05/03)

Itens lexicais tais como *negros*, do campo semântico da cor da pele, e *hispânicos*, do campo semântico de origem cultural, podem ser pensados como co-hipônimos do hiperônimo “raça”, no contexto de um discurso mais amplo, como nos mostra o exemplo 10. *Diversidade* em 11 e *minorias* em 12 parecem ser apropriados de um discurso sobre raça calcado numa classificação por origem, embora, no meu entender, de modo paradoxal, pois o campo semântico da palavra *diversidade* implica não só a inclusão de grupos étnicos mas também uma visão mais instável de poder em que o item lexical *minorias* não teria função. Novamente, é difícil decidir se essas tensões advêm do discurso mediado do jornal ou do próprio discurso da professora.

Em outra reportagem sobre a questão de cotas nas universidades do Rio, as mudanças na lei de cotas são explicadas, de modo didático, em duas seções, a primeira sobre a lei atual e a segunda sobre a proposta de modificação da lei, através de itens, alguns deles reproduzidos em 13 e 14, abaixo:

(13) 40% das vagas são reservadas apenas para candidatos que se declarem negros ou pardos. (Folha, 08/08/03)

(14) [...] Com isso, um candidato que se declare negro, mas não venha de família carente, não terá direito à cota racial. (Folha, 08/08/03)

Observe nos exemplos o uso dos itens lexicais *negro*, *negros* e *pardos* que ecoa o discurso de classificação por cor da pele, do IBGE, mencionado anteriormente, em embate numa arena discursiva em que se fazem presentes outros discursos mais recentes das leis ou de textos acadêmicos ou, ainda, de debates fora do país acerca da questão, o que está representado pelo uso da própria colocação *cota racial*. O mesmo conflito está presente em outras reportagens que não são recontextualizações diretas da lei de cotas, mas que resultam do debate sobre a questão. Numa dessas reportagens a notícia é uma pesquisa sobre a condição social dos *Afro descendentes*, um termo usado entre aspas de modo a ser atribuído ao pesquisador, identificado pelo jornal como *negro*, e cuja voz é ouvida em toda a reportagem. O exemplo 15 reproduz a frase onde a palavra é usada:

(15) O economista contabilizou como negros, ou “afrodescendentes”, a soma dos grupos que o IBGE classifica como pretos e pardos. (Folha, 06/06/03)

No meu entender, o pesquisador está contestando a classificação por cor, do IBGE, pois ele não só inclui os pardos no grupo de negros como também classifica esse grupo novo, constituído diferentemente, com base em uma noção de raça enquanto origem cultural. A associação classe/raça também parece estar sugerida nessa mesma reportagem, como mostra o exemplo 16, abaixo:

(16) “A gente sabe que, no Brasil, a pobreza tem cor: é negra. Os negros estudam menos, ganham menos e são mais pobres”, afirma o economista da UFRJ, que é negro também. (Folha, 06/06/03)

O uso da palavra *negra* como atributo num processo relacional onde o portador (*[ela] é negra – ela* como recurso coesivo que recupera a palavra *pobreza* e que está elidido no processo - ver BÁRBARA e GOUVEIA, 2001) é re-ecoadado em outra frase possivelmente apropriada do texto da pesquisa, desta vez como modificador em um grupo nominal que pode estar substituindo outra colocação, mais comum na língua, como argumentei na seção anterior. Observe no exemplo 17 (que pode ser interpretado como discurso indireto livre, com termos como *metropolitano* permeando a reportagem e aparentemente apropriados do estudo) a colocação *pobreza negra*:

(17) Na região metropolitana de São Paulo, por exemplo, 45% dos pobres são negros, mas, na população em geral, a proporção de negros cai para

32,1%. No Rio acontece o mesmo: entre os pobres, 60,4% são negros, uma proporção maior de negros que a verificada na população total, 53,5%. A pobreza negra metropolitana acaba se refletindo em outras questões urbanas, como a violência — da qual os negros, principalmente os jovens do sexo masculino, são as principais vítimas. (Folha, 06/06/03)

Essa predisposição, menos usual, da palavra *negra*, para ocorrer como adjetivo de *pobreza*, pode ser interpretada simultaneamente como negativa, em vista da prosódia semântica criada com as palavras *violência* e *vítimas* e, simultaneamente, como reveladora de uma imbricação de classe e raça conforme argumentei anteriormente. Isso se repete em outro exemplo de DD em uma reportagem sobre ações afirmativas patrocinadas pelo *Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (Ceap)*, conforme se pode ver em 18 e 19, este último exemplo sugerindo um sentido para *negro* como pessoa moradora de favela, menos educada, em última instância, como pobre.

(18) “A pobreza negra é uma realidade. (...)”, afirma Ivanir dos Santos, coordenador do Ceap. (Folha, 30/06/03)

(19) “Muitas vezes a gente não consegue subir no emprego lá fora só porque é negro. A gente é do morro, a gente tem menos estudo, aí tudo fica mais difícil. Pobreza é isso”, afirma Elisete da Silva Napoleão, 39, uma das costureiras do grupo. (Folha, 30/06/03)

No exemplo 20, talvez a única ocorrência desta nova predisposição da palavra *negra* (em *beleza negra*) com prosódia semântica positiva, a associação é com carnavalescos. Entretanto, no meu entender, o próprio carnaval é uma representação estereotípica do Brasil como o país da democracia racial. Refinando meu argumento, se entendemos carnaval nos termos de Bakhtin (ver BAKHTIN, 1981), o carnaval brasileiro, da beleza negra, poderia ser visto como um dos raros momentos em que o poder fica suspenso e se permite aos descendentes de africanos misturarem-se ao outro grupo racial dominante numa sociedade com uma enorme diferença social entre pessoas dos extremos de uma linha de cor.

(20) Os blocos afro-carnavalescos cantavam a beleza negra. (Folha, 01/02/03)

Para finalizar esta seção, acrescento dois exemplos de um ensaio publicado no jornal no período da coleta do corpus com fim de consubstanciar a análise da interdiscursividade nas reportagens. O autor do ensaio é o sociólogo Sérgio Paulo Rouanet e o tema abordado é a intolerância. A relação semântica entre pobreza e raça bem como o conflito no uso de itens lexicais dos campos semânticos de raça e cor parecem estar presentes também neste ensaio, como mostram os exemplos 21 e 22, abaixo; o segundo exemplo sugerindo que a base do pensamento do sociólogo acerca da questão racial é também a da classificação pela cor da pele (note a referência que ele faz às “diferenças de cor”) e, ainda, indicando dar o teórico um tratamento, em separado, às questões de classe e raça (observe como ele, paradoxalmente, faz uma lista em que entram como questões distintas a *cor* e a *condição social*):

(21) O problema, entre nós, é o estado de pobreza em que vive a maioria da população negra. Enquanto persistir essa situação, os negros serão vítimas de uma intolerância dupla, sobredeterminada, que os atinge enquanto negros e enquanto pobres. (Folha, 09/02/03)

(22) Os alunos aprenderiam a aceitar e compreender as diferenças de cor, de gênero, de orientação sexual, de condição social. (Folha, 09/02/03)

7 DIALOGICIDADE E DIFERENÇA

Volto-me, nesta seção, para a questão da dialogicidade e da diferença nas reportagens, observando a gama de diferentes graus de dialogicidade proposta em Fairclough (2003) e levando em conta as formas diferentes de atribuição de vozes nos textos. Fairclough (2003, p. 41) apresenta cinco cenários diferentes relativos à natureza da orientação para a diferença nos textos:

- (a) uma abertura para a diferença, ou aceitação ou, ainda, reconhecimento dessa diferença; uma exploração da diferença, no sentido mais rico do termo “diálogo”;
- (b) uma acentuação da diferença, do conflito, da polêmica; uma luta entre os significados, normas e poder;
- (c) uma tentativa de resolver ou de superar a diferença;
- (d) uma suspensão da diferença, um foco na igualdade e na solidariedade;
- (e) um consenso, uma normalização e aceitação das diferenças de poder que suspende ou suprime as diferenças de significado e normas.

O autor chama a atenção para o fato de que os cenários acima não foram pensados como uma tipologia dos eventos e interações sociais, pois podem ser combinados de várias maneiras nos textos e eventos sociais. Uma investigação do modo como são combinados por meio dos diversos modos de representação de discursos nas reportagens analisadas neste trabalho pode ser útil para a interpretação das diferentes escolhas lexicais feitas nos relatos acerca da questão racial.

Argumento, assim, que os cenários propostos por Fairclough (2003) podem ser aplicados, preferencialmente, numa análise de um corpus de pequena escala, por exemplo, um corpus composto por uma reportagem e o(s) gênero(s) discursivo(s) que ela recontextualiza (uma tarefa, de saída, não muito fácil, no caso do discurso mediado). Numa análise em larga escala, como é o caso desta desenvolvida neste trabalho, o melhor a fazer é reconhecer que quanto mais vozes/discursos diferentes, representados através de DD, mais dialógicos e abertos à diferença os textos serão. O jornal analisado, bem como outros, como é o caso dos britânicos (ver SHORT, SEMINO e CULPEPPER, 1996) parecem não partilhar muito desta dialogicidade.

Um passo adiante seria reconhecer que quanto mais houver apropriação de escolhas lexicais e, portanto, de discursos, presentes em DD ou outro modo de representação de discurso, mais tensão, conflito e, conseqüentemente, luta de ideologias e poder estarão em jogo, o que espero ter mostrado na análise acima. Suponho que exemplos onde um item lexical novo, como é o caso de *não-negras*, desafia, mesmo que ainda timidamente, uma classificação monolítica, ou exemplos onde uma palavra usada de maneira não muito usual, como é caso de *negra* no grupo nominal *pobreza negra*, contesta a esteticização racial acrescentando a variável da pobreza a esta noção, podem ser interpretados tanto como uma acentuação da diferença e como uma tentativa de superá-la. Além disso, penso que exemplos tais como o de textos em que *a beleza negra* é associada ao carnaval, isto é, quando um estereótipo é resgatado, o foco é de solidariedade e a diferença é suspensa, também no sentido bakhtiniano de carnaval.

Finalmente, na tentativa de exemplificar um cenário de consenso, ou, melhor dizendo, de banalização da diferença no corpus, escolheria o exemplo de apresentação da voz da estudante em DD, acerca de sua luta para enfrentar o preconceito racial na escola, que é avaliada, ou posicionada na reportagem como instruções de uma receita. A metaforização dos passos que a estudante dá em direção a uma ação afirmativa como procedimentos de uma receita pode ajudar a apagar o

sentido de uma ação nova, simbólica e, assim, do discurso que ela introduz, transferindo-os para o reino das atividades do dia-a-dia da sociedade, onde permanecem inalterados o senso comum e as ideologias.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de conclusão, ressalto que a investigação feita contribui para os estudos na área de análise crítica do discurso, ao consolidar o uso das linhas de concordância como ferramentas poderosas na análise dos textos como eventos sociais. Enfatizo, ainda, que a análise, de um lado, indica que a noção de democracia racial ainda é um discurso muito presente, mediado pelo jornal analisado, uma vez que ela se textualiza através de itens lexicais do campo semântico *cor da pele*; do outro lado, a análise sugere que este discurso já não é mais hegemônico, na medida em que outros discursos como o das ações afirmativas começam, gradualmente, a entrar na arena discursiva e a lutar por poder. Isso acontece através do uso não convencional ou da criação de relações lexicais novas que fazem com que uma classificação de raça baseada na cor da pele passe, lentamente, a ser substituída por uma outra classificação que, talvez, leve a uma (re)construção mais sólida dos povos de origens africanas no Brasil e, quiçá, em outros contextos culturais. Para reforçar a idéia da tensão e do conflito de discursos, é interessante começar a observar os discursos presentes em outros gêneros discursivos. Como exemplo, mostro o primeiro parágrafo de um artigo recente de uma revista publicada pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES), cujo tema é a abertura das universidades brasileiras a grupos minoritários:

(23) Em muitos cursos...a presença de representantes de minorias é substantiva, ultrapassando mesmo, no que se refere aos negros, ou pretos (Segundo o dicionário Aurélio, 'negro' significa 'de cor preta'), sua participação na população. (Ciência Hoje, n. 34, 2003, p. 16-20)

A tentativa aqui é de volta a uma situação de sinonímia entre os itens *negro* e *preto*, fundamentada no discurso de autoridade do dicionário clássico da língua (ver WILLIAMS, 1988 sobre esta questão), o que sugere, novamente, a existência de discursos distintos lutando por poder na arena discursiva.

As relações lexicais abordadas na primeira seção de análise deste trabalho foram deslocadas para, ou re-alocadas no, pano de fundo das vozes/discursos

representados nos textos. A combinação das duas ferramentas, a análise das relações lexicais e a investigação da intertextualidade, permitiu a percepção de uma tensão entre os termos relativos à cor da pele e à origem cultural e um conflito entre os discursos mediados pelo jornal. Ademais, permitiu uma interpretação cautelosa dos graus de dialogicidade e dos cenários de orientação para a diferença racial na linguagem mediada das reportagens. O jornal analisado usa também, estrategicamente, o DD, aparentemente, dando voz a muitos representantes da sociedade, incluindo aqueles socialmente excluídos. Como consequência dessa dialogicidade, o discurso da democracia racial ainda “ataca”, ou luta pela permanência ou, eu diria também, “assombra” vozes e discursos, sem, contudo, manter sua estabilidade de longa data. Pelo contrário, este discurso parece estar sendo minado para que se possam revelar os muitos anos de discriminação social e exclusão dos brasileiros descendentes de africanos. Com relação aos cinco cenários de orientação para a diferença, propostos por Fairclough (2003), sua aplicação na análise é outra indicação de mudança discursiva com relação à questão racial e, quiçá, de um projeto de ações afirmativas bem sucedido na sociedade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Particularidades do gênero e temático-composicionais das obras de Dostoiévsky. In: _____. **Problemas da Poética de Dostoiévsky**. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1981. p. 87-156.

_____. The problem of speech genres. In: _____. **The problem of speech genres and other late essays**. Austin: University of Texas Press, 1986. p. 60-102.

BARBARA, L.; GOUVEIA, C. It is not there, but (it) is cohesive: the case of pronominal ellipsis of subject in Portuguese. **Direct papers**, n. 46, 2001. Disponível em: <<http://lael.pucsp.br/direct/DirectPapers46.pdf>>.

BELL, A. **The language of news media**. Oxford, UK; Cambridge, MA: Blackwell, 1991.

BORBA, F. S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

BOURDIEU, P. **Distinction: a social critique of the judgement of taste**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979 [1984].

BUTTNY, R. Reported speech in talking race on campus. **Human Communication Research**, v. 23, n. 4, p. 477-506, 1997.

_____; WILLIAMS, P. L. Demanding respect: the uses of reported speech in discursive constructions of interracial contact. **Discourse & Society**, v. 11, n. 1, p. 109-133, 2000.

CALDAS-COULTHARD, C. R. On reporting reporting: the representation of speech in factual and factional narratives. In: COULTHARD, M. (Ed.). **Advances in written text analysis**. London; New York: Routledge, 1994. p. 295-308.

CARONE, I. Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. In: _____. BENTO, M. A. S. (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 13-23.

_____; NOGUEIRA, I. B. Faíscas elétricas na imprensa brasileira: a questão racial em foco. In: _____. BENTO, M. A. S. (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 163-180.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity: rethinking Critical Discourse Analysis**. Edimburgo: Edinburgh U.P, 1999.

D'ADESKY, J. **Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Oxford, UK: Polity Press; Cambridge, MA: Blackwell, 1992.

_____. **Media discourse**. London; New York: Edward Arnold, 1995.

_____. The discourse of New Labour: critical discourse analysis. In: WETHERELL, M.; TAYLOR, S.; YATES, S. J. (Eds.). **Discourse as data: a guide for analysis**. London: Sage, 2001. p. 229-266.

_____. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London; New York: Routledge, 2003.

FOLHA DE SÃO PAULO/DATAFOLHA. **Racismo cordial**. a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil. São Paulo: Ática, 1995.

FOWLER, R. **Language in the news: discourse and ideology in the press**. London; New York: Routledge, 1991.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966 [1933].

GUIMARÃES, A. S. A. Racial insult in Brazil. **Discourse & Society**, v. 14, n. 2, p. 133-151, 2003.

HARDT-MAUTNER, G. 'Only connect.' Critical Discourse Analysis and Corpus Linguistics'. 1995. Disponível em: <<http://www.comp.lancs.ac.uk/computing/research/ucrel/papers/techpaper/vol6.pdf>>.

HOEY, M. Lexical priming and the properties of text. In: PARTINGTON, A.; MORLEY J.; HAARMAN, L. (Eds.). **Corpora and discourse**. Bern: PeterLang. (no prelo)

HOLANDA FERREIRA, A. de. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Edição eletrônica autorizada à POSITIVO INFORMÁTICA LTDA, 2004.

KRISHNAMURTHY, R. Ethnic, racial and tribal: the language of racism? In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; COULTHARD, M. (Eds.). **Texts and practices: readings in Critical Discourse Analysis**. London; New York: Routledge, 1996. p.129-149.

LEECH, G.; SHORT, M. **Style in fiction**. London: Longman, 1981.

LEMKE, J. L. **Textual Politics: Discourse and Social Dynamics**. Londres e Bristol, PA: Taylor & Francis, 1995.

MYERS, G. Unspoken speech: Hypothetical reported discourse and the rhetoric of everyday talk. **Text**, Vol. 19, Nº 4, p. 571-590, 1999.

NASCIMENTO, E. L. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003.

PIZA, E. Porta de vidro: entrada para a branquitude. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003a. p. 59-90.

_____. Cor nos censos brasileiros. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003b. p. 91-120.

REISIGL, M.; WODAK, R. 'Race', racism and discourse. In: _____; _____. **Discourse and Discrimination: Rhetorics of Racism and Antisemitism**. London; New York: Routledge, p. 1-30, 2001.

SCHWARCZ, L. K. M. Raça como negociação: sobre teorias raciais em finais dos século XIX no Brasil. In: FONSECA, M. N. S. (Org.). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 11-40.

SCOLLON, R. **Mediated discourse as social interaction: a study of news discourse**. London; New York: Longman, 1998.

SHORT, M.; SEMINO, E.; CULPEPER, J. Using a corpus for stylistics research: speech and thought presentation. In: THOMAS, J.; SHORT, M. (Eds.). **Using corpora for language research**. London; New York: Longman, 1996. p. 110-131.

SODRÉ, M. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

- STUBBS, M. **Text and corpus analysis**. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.
- THOMPSON, G. Voices in the text: discourse perspectives on language reports. **Applied Linguistics**, v. 17, n. 4, p. 501-530, 1996.
- VAN DIJK, T. A. et al. Discourse, ethnicity, culture and racism. In: _____. (Ed.). **Discourse as social interaction**. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage Publications, 1998. p. 140-180.
- _____. **Dominación étnica y racismo discursivo en España y América Latina**. Barcelona: Gedisa, 2003.
- VOLOŠINOV, V. N. Reported speech. In: MATEJKA, L.; POMORSKA, K. (Eds.). **Readings in Russian poetics**. Ann Harbor, Michigan: Michigan Slavic Publications, 1978. p. 149-175.
- WILLIAMS, R. **Keywords: a vocabulary of culture and society**. London: Fontana Press, 1988.
- WODAK, R. The discourse-historical approach. In: _____; MEYER, M. (Eds.). **Methods of Critical Discourse Analysis**. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage, 2001. p. 63-94.
- _____; MEYER, M. (Eds.). **Methods of Critical Discourse Analysis**. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage, 2001.

Recebido em 10/08/04. Aprovado em 05/10/04.

Title: Interdiscursivity and conflicting discourses on race in Brazilian news reports

Author: Célia Magalhães

Abstract: In this paper I set out from debates on the racial issue in Brazilian social sciences to analyse a contemporary corpus of news reports of a major Brazilian broadsheet newspaper. My aim is the investigation of change in mediated discourses on race. Based on a combination of the theoretical and methodological tools of CDA with a corpus linguistics tool I focus on keywords used to refer to skin colour, the lexical relations created around them and their association with intertextuality in the newspaper. The combined analysis of lexical relations and intertextuality has allowed for the perception of tensions over terms of race and colour and of conflicting discourses of race classification in the paper. The analysis has also allowed for a cautious interpretation of dialogicality and thus of different orientations to racial difference in the reports.

Keywords: race; lexis; intertextuality; dialogicality; interdiscursivity.

Titre: L'Interdiscursivité et conflit entre discours sur la race dans des reportages brésiliens

Auteur: Célia Magalhães

Résumé: Dans cet article, je pars de débats sur la question raciale dans les théories brésiliennes pour analyser un *corpus* contemporain de reportage d'un journal brésilien. Mon objectif est la recherche du changement dans les discours moyenné sur la race. Ayant comme support la combinaison des outils théoriques et méthodologiques de l'analyse critique du discours et de la

Interdiscursividade e conflito entre discurso....

linguistique de *corpus*, je focalise des mots-clés utilisés dans le journal pour faire référence à la couleur de la peau, les relations lexicales créées autour de ces mots, et leur association avec l'intertextualité. L'analyse combinée des relations lexicales et de l'intertextualité permet d'apercevoir la tension entre des termes relatifs à la couleur de la peau et à l'origine culturelle et un conflit entre discours venus de plusieurs classifications de race. L'analyse permet aussi une interprétation prudente de la dialogicité et, donc, des différentes orientations pour la différence raciale dans les reportages.

Mots-clés: race; lexique; intertextualité; dialogicité; interdiscursivité.

Título: Interdiscursividad y conflicto entre discursos sobre raza en reportajes brasileños

Autor: Célia Magalhães

Resumen: Este artículo tiene como punto de partida los debates sobre la cuestión racial en las teorías sociales brasileñas, para analizar un corpus contemporáneo de reportajes de un periódico brasileño. Mi objetivo es la investigación de los cambios en los discursos mediados sobre raza. A base de una combinación de herramientas teóricas y metodológicas del análisis crítico del discurso y de la lingüística de corpus, enfoco palabras clave usadas en el periódico para referir al color de la piel, a las relaciones lexicológicas criadas alrededor de dichas palabras, y su asociación con la intertextualidad. El análisis combinado de las relaciones lexicológicas y de la intertextualidad permite: percibir una tensión entre términos relativos al color de la piel y al origen cultural; un conflicto entre discursos originarios de distintas clasificaciones de raza y, finalmente, una interpretación cautelosa de la dialogística y, por lo tanto, de las distintas orientaciones para la diferencia racial en los reportajes.

Palabras-clave: raza; léxico; intertextualidad; dialogística; interdiscursividad.